



DISLEXIA E APRENDIZAGEM: UMA REFLEXÃO PARA A PRÁTICA EDUCATIVA¹

José do Nascimento Soares

josesoares02@hotmail.com

Faculdade Internacional da Paraíba – FPB

Alany Vieira do Amaral

alanyvieira.1618@gmail.com

Faculdade Internacional da Paraíba – FPB

Suênia de Lima Ferreira

sunisone2@yahoo.com

Faculdade Internacional da Paraíba – FPB

Antonio Luiz da Silva

tonlusi@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO: Neste artigo, fruto de uma investigação de caráter bibliográfico, objetivamos discutir sobre a dislexia no âmbito escolar. A importância dessa discussão reside no fato de a literatura especializada já reconhecer a presença desse transtorno na vida de um número considerável do alunado contemporâneo. Buscaremos caracterizar o que tem sido entendido como dislexia, apresentando também alguns breves elementos de sua história. Chamaremos a atenção dos profissionais envolvidos com educação, no sentido também de lhes ocasionar um momento de sensibilização para a causa da dislexia. Julgamos ser importante que estejamos sempre atentos aos desafios que a tarefa de educar comporta, pois no caso da dislexia isso envolve a identificação, o encaminhamento para o diagnóstico e a intervenção, com vista a uma mais ampla inclusão desses alunos no percurso escolar regular, livrando-os do abandono ou mesmo do fracasso acadêmico.

Palavras-chaves: Escola, aprendizagem, dislexia, alunado, professorado.

INTRODUÇÃO AO TEMA

Independente das inúmeras críticas que ainda se tem em relação à escola e à qualidade da educação no âmbito municipal, estadual, nacional, é importante reconhecer que a política pública tem avançado, especialmente nas últimas duas décadas, de modo a assegurar, inclusive por mecanismos jurídicos nos casos mais extremos, que todas as crianças estejam presentes à escola. E o conjunto desse esforço vem revelando que a educação escolar está se afirmando no imaginário coletivo nacional. Por essa razão, nenhum responsável por criança, em sã consciência, deseja ver seu filho fora do universo escolar. Pode-se dizer que, para além

¹ Trabalho apresentado no III Congresso Internacional de Educação Inclusiva & III Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva e Direitos Humanos: Direitos Humanos, Diversidade e Práticas Inclusivas, Campina Grande – PB, 29 a 31 de agosto de 2018.



de um direito legalmente estabelecido, a educação das crianças tem se tornado cada vez mais uma exigência do nosso tempo. Sim, lugar de criança é na escola e ninguém discorda disso.

De certo também por conta das políticas públicas de transferências de rendas, como o Bolsa Família, especialmente nos meios mais empobrecidos, já é possível se observar a quase inexistência de evasão escolar (SILVA, SANTOS & NOGUEIRA, 2017). Contudo, essa quase inexistência de evasão escolar nas séries iniciais do ensino fundamental tem ocasionado a constatação de que um número significativo de alunos, regularmente matriculado e frequentando a sala de aula, mesmo no período escolar adequado, não se alfabetiza na idade certa, não apresentam os conhecimentos de competências necessárias às séries em que se encontram. Por que muitos estudantes, em ‘condições muito semelhantes’ do ponto de vista social, intelectual, cultural, econômico, não obtêm o desejado sucesso escolar? O que está acontecendo? Essa é uma questão que precisa de atenção especial.

No grupo de estudantes que se desenvolve academicamente com alguma discrepância em relação ao calendário curricular estão os alunos ‘rotulados’ de crianças com transtornos de aprendizagens. Esses transtornos são muitos. Alguns, embora não sejam de natureza intelectual, acabam interferindo na parte escolar, como a hiperatividade, por exemplo. Mas alguns aparecem com características acadêmicas. São alunos desatentos, desligados, que aprendem e esquecem fácil, que não retêm conteúdos etc. Há também alunos que desenvolvem comportamentos inadequados ao ambiente escolar. Muitos são briguentos, bagunceiros, agressivos e até violentos. Vários desses transtornos também apontam para questões de saúde mental. São crianças que não dormem, que tem enormes e frequentes crises de choro, que tem depressão, ansiedade generalizada ou que podem apresentar algum transtorno mais grave como uma psicose. É importante ressaltar que segundo Damasceno e Gomes (2014, p. 59): “O comportamento de uma criança ou adolescente com algum transtorno difere das crianças e adolescentes comuns, por não prosperarem em seus afazeres, ficam desmotivadas e com a autoestima abalada, o que ocasiona também frustração e a aprendizagem não se efetiva”. Entre as crianças com transtornos na parte aprendizagens há alguns que apresentam comportamentos que podem se caracterizar na linha daquela rubrica que os autores estão nomeando de dislexia (CARREIRA, 2016; CARVALHAIS & SILVA, 2007; GRANZIOL, 2017; RODRIGUES & CIASCA, 2016; SIGNOR, 2015; SILVA, 2009; SILVA & SILVA, 2016; TELES, 2004), assunto que será tema deste trabalho. Os alunos disléxicos são um desafio à escola contemporânea, porque eles demandam um tipo de atenção inclusiva completamente diferente daquele que deve ser dado ao aluno com deficiência intelectual, por exemplo, cujo diagnóstico está amparado na legislação.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Com o presente trabalho objetivamos pensar sobre a dislexia no âmbito escolar, reconhecendo-a como transtorno desenvolvido por um em certo percentual de alunos. Pretendemos também ocasionar um momento de sensibilização ao professorado e aos demais envolvidos com processos educativos escolares. Queremos enfatizar que todos devemos ao menos saber da existência desse transtorno em sala de aula, pois, entendemos, como profissionais de educação, ser importante estar sempre prontos para os desafios que a tarefa de educar comporta. As crianças precisam de nós...

Do ponto de vista metodológico, este texto é fruto de uma investigação de cunho bibliográfico que contou com contribuições de artigos acadêmicos aprofundados por autores de áreas interdisciplinares, cujo fim foi a ampliação do conhecimento sobre o tema apontado.

PROBLEMATIZANDO A QUESTÃO

Para prosseguimento do diálogo vale dizer que é comum ouvirmos relatos sobre a dislexia. Como informam Damasceno e Gomes (2014, p. 59): “Os Transtornos da Aprendizagem mais conhecidos são: Transtorno de Leitura (Dislexia), o Transtorno da Matemática (Discalculia), o Transtorno da Expressão Escrita (Disortografia e Disgrafia)”. Esses transtornos todos, acrescido também do Transtorno da fala (Dislalia) podem fazer parte do ‘combo’ mais complexo da dislexia. De qualquer modo, não se trata, portanto, de um tema novo nem na literatura nem na prática escolar. Porém, é possível que encontremos profissionais de educação que nunca sequer ouviram falar sobre esse assunto. E mesmo entre os que já ouviram sobre o tema, há os que admitem pouco saber do que, verdadeiramente, se trata.

Assim, do que temos percebido, a dislexia, embora temática muito debatida, muito publicada, ainda é objeto de pouca apropriação por parte de professores e professoras, tanto pelos que estão em formação quanto pelos que já se encontram no exercício da profissão. Muitos até constatam o atraso escolar de seu aluno. E muitos, infelizmente, nem percebem o baixo desempenho de algum membro de seu alunado. Entre os que percebem as dificuldades dos educandos, alguns acham que se trata de uma imensa preguiça, de falta de atenção ou ausência de motivação para aprender. Muitas vezes isso é consequência e não causa. Há também alguns professores que acusam o pouco empenho dos familiares. E quando não é preguiça, nem falta de empenho familiar etc?

Com base na leitura dos autores, em sua pesquisa informa Carreira (2016) que a dislexia pode atingir cerca de 10 a 15% da população de escolares. Também orientada pela lógica estatística, revela Rodrigues e Ciasca (2016, p. 87): “Entretanto calcula-se que entre 3 a

10% dos escolares tem o transtorno”. Se esse dado pode ser generalizado de modo aproximado, é possível que numa sala de aula de trinta crianças ao menos três ou quatro delas apresentem esse transtorno. Para esses alunos, o professor explica, mas ele não entende, não associa na velocidade dos demais, nem se apropria daquele conteúdo que está sendo lhe proposto. Muitas vezes se atrapalha em operações simples. E constantemente dá a sensação de que está ‘voando’.

Um dado ampliado encontrado na página da ABD - Associação Brasileira de Dislexia - indica que cerca de 4-5% da população mundial encontra-se atingida por esse problema. Segundo a referida associação, a dislexia também é considerada como um transtorno do desenvolvimento². E mesmo assim, o dado acima pode ser controverso, pois conforme Rita Signor (2015, p. 972): “Segundo dados levantados por Massi (2007), aproximadamente 15% da população mundial seria portadora de dislexia, o que significa “uma média de quatro a cinco sujeitos em cada classe de trinta alunos (p.20)”. E, seja como for, esse dado aparece num número bastante alto de pessoas.

Como identificar? Como encaminhar? Como intervir? De que forma incluir essas crianças no processo regular de ensino sem as rotular, sem as estigmatizar, sem ‘sacramentalizar’ seu futuro fracasso escolar possível?

Julgamos que é importante entender como pode ser o mundo de um aluno disléxico. Pois esses alunos, frequentemente, são confundidos com estudantes com deficiência intelectual. Porém, quando submetidos a uma avaliação cognitiva podem apresentar inteligência na média ou mesmo acima dela na população nacional. Aliás, como indicam Nilza Silva e Fábio Silva (2016, p. 06): “As crianças portadoras de dislexia normamente apresentam um quadro onde está presente a dificuldade na aprendizagem, entretanto, em contrapartida, desenvolvem outras habilidades”. Um autor como Davis (2008) tem associado a dislexia à uma certa genialidade no coração da humanidade, indicando muitos nomes de inventores, artistas e cientistas disléxicos. E, de fato, como eles não resolvem as questões de modo comum, é possível que entre eles sejam encontradas muitas outras habilidades.

BUSCANDO UMA DEFINIÇÃO

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem e seus sintomas são dificuldades de leitura e escrita, compreensão e soletração das palavras. Sabe o que é uma criança inteligente se confrontar com esse limite imenso quando entra na escola? E não são poucas.

² Para mais informações acesse o site da referida instituição, em: <http://www.dislexia.org.br/quem-somos/>.

Conforme Fátima Carreira (2016, p. 14) “Disléticos apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relativos à leitura, não estando relacionados a distúrbios visuais e auditivos, ou ainda a problemas psicológicos ou socioculturais”. São pessoas comuns, sem transtornos psiquiátricos. Mas com um processamento bastante atrapalhado para a parte de aprendizagem escolar.

Frequentemente, nos disléticos pode ocorrer uma grande dificuldade na parte de leitura, ocasionando a queixa de falta de concentração, de atenção e de compreensão. É comum ouvirmos relatos de pessoas com dislexia de que tem sido bastante difícil a leitura de um livro inteiro ou mesmo de um artigo completo. Pois muitas delas, de fato, podem não atingir uma concentração adequada para esse tipo de tarefa sem um treino mais prolongado. E mesmo aqueles que conseguiram, desde muito cedo, desenvolver a leitura de modo mais satisfatório, nos primórdios de seu aprendizado executavam a leitura de forma bastante lenta, tendo de reler várias vezes para atingir a certeza de que estavam entendendo corretamente o texto lido. Mesmo assim, naqueles alunos disléticos que atingem um bom nível de leitura, a interpretação de textos que contenham palavras não usuais é uma dificuldade constante.

O Davis (2008) acredita que a origem da dislexia encontra-se no modo de desenvolver o pensamento. Ele entende que as pessoas comuns pensam a partir dos sons que lhes chegam ao cérebro pelos ouvidos. Os disléticos, ao contrário, formulam o pensamento convertendo as palavras ouvidas em imagens. Como o som tem velocidade diferente das imagens no conjunto de uma frase encontra-se aí a criação de uma confusão na cabeça dislética, gerando, inclusive, uma demora na leitura.

Denice Silva (2017, p. 536), observando as características presentes na dislexia, com base nos estudos feitos por Moojem, aponta para a sua classificação em três tipos distintos: a dislexia fonológica, a dislexia lexical, e a dislexia mista.

A dislexia de tipo fonológico é demarcada pela dificuldade que se torna evidente na hora da execução de um percurso fonológico durante a leitura. “Assim, a maior dificuldade está em ler palavras não familiares, sílabas sem sentido ou pseudopalavras, mostrando maior desempenho na leitura de palavras familiares” (SILVA, 2017, p. 536). Ocorrem constantemente problemas no momento da junção fonema-grafema. Muitas vezes, imaginar que uma letra tem um som se torna uma tarefa bastante complicada. Há também comprometimentos em atividades que envolvem o uso da memória, como se houvesse uma clara dificuldade relacionada à consciência fonológica. E nesse aspecto, reflete a citada autora, é muito difícil guardar na memória aquilo que foi lido. A dislexia de tipo fonológico tem como principal causa um déficit no processamento fonológico.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Na Dislexia lexical, informa Denice Silva (2017, p. 536) “[...] as principais dificuldades estão na rota lexical, e apresentam a rota fonológica relativamente preservada, afetando fortemente a leitura de palavras irregulares. Assim, os disléxicos deste tipo, leem lentamente e com erros”. Na leitura, o disléxico dessa natureza, apresenta leitura silabada, repetição constante, necessidade de retificação do texto lido, e mesmo devagar ainda apresenta trocas de palavras ou de letras, interpretação apressada da palavra, além de não dá sinais de saber onde deverá posicionar a acentuação das expressões verbais. Nesse grupo, muitas vezes, eles trocam a linha do texto escrito ou inventam letras para palavras ou mesmo pegam outras palavras, como se estivessem adivinhando.

Existe ainda nessa classificação uma dislexia de tipo mista. Para a acima aludida autora, “[...] na Dislexia mista o indivíduo apresenta comprometimento nas duas vias, a via lexical e a via fonológica, que são casos mais graves” (SILVA, 2017, p. 536).

Mas para não parecer que a dislexia tem sido vista apenas de modo negativo, devemos aqui indicar que para Davis (2008, p. 33): “A função mental que causa a dislexia é um dom, no mais verdadeiro sentido da palavra: uma habilidade natural, um talento”. Para esse autor, o próprio disléxico é capaz de criar a sua própria forma de aprender, não descartando a importância de quem o ensina.

OBSERVANDO OS ASPECTOS HISTÓRICOS

Quanto se analisa a literatura produzida, pode-se constatar que a Dislexia é assunto já bastante antigo do ponto de vista da história médica e educativa. Conforme Paula Teles (2004, p. 02):

“Em 1896 Pringle Morgan descreveu um caso clínico de um jovem de 14 anos, que apesar de ser inteligente, tinha uma incapacidade quase absoluta em relação à linguagem escrita, que designou de cegueira verbal. Desde então essas perturbações têm recebido diversas denominações: cegueira verbal congênita, dislexia congênita, estrefossimbolia, alexia do desenvolvimento...”.

E como informa Davis (2008, p. 35): “No fim da década de 1920, o dr. Samuel Torrey Orton definiu a dislexia como uma “lateralização cruzada do cérebro””. Era uma espécie de troca de funções e nas palavras do autor citado “Isso significava que o lado esquerdo do cérebro estaria fazendo o que o lado direito supostamente deveria fazer, e o lado direito estaria fazendo o trabalho do lado esquerdo” (DAVIS, 2008, p. 34). Essa hipótese foi totalmente descartada.

Alcunhado como ‘dislexia do desenvolvimento’ o termo foi utilizado no ano de 1968 pela Fundação Mundial de Neurologia, trazendo assim um olhar mais diferenciado ao distúrbio de aprendizagem que ele representava, qual seja ligado a leitura e a escrita.

Porém, foi só a partir de 1994 que o ‘sentido’ da dislexia passou a ser incluso no Manual de Diagnósticos e Estatísticas de Doenças Mentais, DSM IV. Entretanto, é preciso destacar que o termo em si não era utilizado, porque o referido documento deu preferência a uma espécie de rubrica geral, usando a denominação de perturbação de leitura e escrita. Também no DSM VI, como informam Rodrigues e Ciasca (2016, p. 87): “[...] a dislexia está inserida dentro de uma categoria mais ampla, denominada de “Transtorno do Neurodesenvolvimento”, sendo referida como “Transtorno específico de Aprendizagem””.

E mesmo que a evasão escolar seja bastante mais controlada, ao menos nas séries iniciais, é possível se supor que a dislexia ainda hoje causa bastante evasão escolar nas series que continuam após as iniciais. E nesse sentido é preciso pontuar aqui uma reflexão. Será que o método utilizado nas escolas está adequado aos alunos com esse tipo de dificuldade escolar? Ou já que estamos falando em aprender podemos então incluir alunos que apresentam esse distúrbio com novos métodos mais sensoriais, mais lúdicos e desenvolver uma melhor forma para uma aprendizagem mais eficaz.

IDENTIFICANDO E DIAGNOSTICANDO O PROBLEMA

De onde vem a dislexia? Alguns relatos informam que a dislexia é de ordem neurológica. De acordo com Rodrigues e Ciasca (2016, p. 87): “As causas exatas da dislexia ainda não estão completamente claras, porém estudos com neuroimagem demonstram que há diferenças no desenvolvimento e funcionamento cerebral”. Além disso, há elementos que apontam para características hereditárias. As autoras acima citadas indicam que: “Também há forte indicativo de componente genético, uma vez que os estudos clínicos indicam que mais de 50% das crianças com dislexia tem pais e irmãos com o mesmo transtorno” (RODRIGUES & CIASCA, 2016, p. 87).

Embora esses dados que apontam para a genética e, portanto, para uma certa hereditariedade tenham pouca comprovação científica, o fato volumoso de ser comum que na família de crianças disléxicas outros membros também tenham sido ao menos empiricamente identificados com imensas dificuldades para as habilidades escolares pode ser uma demonstração dessa possibilidade genética e hereditária. É oportuno desconfiar, pois quando um aparece é preciso olhar se outros não há.

Porém, mesmo sendo um tema já conhecido ainda há grandes dificuldades dos profissionais da educação tanto na identificação quanto na intervenção. Na verdade, cada pessoa disléxica age e aprende de forma diferente, e isso acaba tornando esse diagnóstico e a intervenção um pouco mais difícil de ser realizado, porém não sendo impossível.

Embora diagnosticar em nossa cultura seja função de médicos, pois somente eles podem laudar, é importante frisar que tanto identificar quanto intervir são da responsabilidade dos pedagogos e dos demais profissionais de educação. É preciso ficar atento no ensino infantil às palavras mal pronunciadas, à persistência de uma ‘linguagem de bebê’, à falta de interesse pelas rimas e às dificuldades em saber das letras do próprio nome. Podemos observar essas possíveis dificuldades quando a criança começa sua ida à escola, já que geralmente lá tem início formal todo o processo e alfabetização e letramento. Além disso, importa saber que a dislexia é um processo que não termina nunca. A pessoa disléxica não tem cura, pois também não é uma doença, mas sim um distúrbio, um transtorno na parte de aprender.

Partindo do DSM-5, como indicam Rodrigues e Ciasca (2016, p. 88), para que uma pessoa disléxica seja identificada e diagnosticada deve haver ao menos um dos seguintes sintomas: dificuldade na leitura, leitura lenta e imprecisa das palavras; dificuldade para compreender o que é lido; dificuldades na parte de ortografia; dificuldade na parte da escrita. Porém não significa dizer que um ou mais desses sintomas acima citados possa significar que a criança tenha dislexia. Isoladamente, essas informações podem ser apenas dificuldades normais de aprendizagens.

Contudo, é ainda correto pensar que essas manifestações ocorrem muito cedo, bem antes do período escolar. As crianças com atraso na fala, compreensão e posteriormente no reconhecimento das letras podem desenvolver dificuldades na escrita. É possível que a partir de alguns sinais e sintomas que as crianças apresentam na pré-escola, esses levem o pedagogo a suspeitar de algo. E nesse sentido, somados, esses elementos podem ser um forte sinal de alerta.

Podendo observar, posteriormente, certa dificuldade no reconhecimento das letras e na decodificação de palavras, ou mesmo na escrita espelhada das letras grafadas, o professor deverá dar maior atenção neste processo. É sabido também que durante o período escolar alguns adolescentes podem apresentar baixo rendimento, sobretudo em se tratando de conceitos matemáticos básicos, nesse caso importa observar se não está se tratando de uma possível discalculia. Vale salientar que todo discalcúlico tem dislexia, mas nem todo disléxico tem discalculia.

Considerando que um número muito significativo de pessoas com dislexia não são laudadas, sendo apenas identificadas por seus professores, é importante que, após a constatação, os professores solicitem apoio da equipe multidisciplinar da própria estrutura escolar ou de serviços disponíveis na própria comunidade, incluindo o trabalho de psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, neurologistas infantis e demais profissionais envolvidos ou não em educação. Sendo assim, a avaliação diagnóstica será essencial, pois orientará o professor sobre o que reforçar no trabalho junto à criança.

A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO DOCENTE NA DISLEXIA

Conforme reflete Fátima Careira (2016, p. 23): “O disléxico tem sempre uma história de frustrações, sofrimentos, humilhações e sentimentos de menosprezo, para a qual a escola deu uma significativa contribuição”. Poderia ser diferente? Quando se analisa o passado de algumas pessoas, sobretudo quando não se tinha muita sensibilidade para dificuldades escolares, situação em que as crianças eram tratadas à base de castigos físicos e humilhações psicológicas, observa-se que para um disléxico adulto sua história redundou, frequentemente, em fracasso escolar ou mesmo em evasão. E muitos deles, embora homens e mulheres inteligentes se tornaram pessoas adultas analfabetas ou pouco escolarizadas. Em muitos desses casos, acreditamos hoje, se a questão da dislexia tivesse sido observada em tenra idade, o abandono escolar poderia ter sido evitado. No momento presente e com as novas gerações, concordamos com a autora acima citada quando indica que cabe à escola e ao professor:

Sugerir-lhe “metodologias”, “dicas”, “alternativas”, “jeitos de fazer”, “associações” que o ajudem a lembrar e a executar atividades ou a resolver problemas, e não submetê-lo a situações que irá expor sua dificuldade na frente dos colegas, como por exemplo ler em voz alta (CARREIRA, 2016, P. 23).

Nesse sentido, no que tange à escola, como bem mostraram Carreira (2016), Rodrigues e Ciasca (2016) e Duarte e Souza (2014) a contribuição do(a) pedagogo(a), além de identificar, comporta também diversificar sua prática pedagógica de maneira reflexiva e sempre contínua, dando atenção aos sinais apresentados pelas crianças. É importante reconhecer que o docente é crucial neste processo, sendo um mediador e atenuador no processo de aprendizagem das crianças com dislexia que frequentam o ensino regular.

É bem verdadeiro que a missão do professor é ensinar, mas junto dela está também a função de observar e de registrar os fenômenos que ocorrem em sua sala de aula. Com isso ele

terá como ir juntando os sinais dados pelos alunos, objetivando um direcionamento em função de seu diagnóstico.

Está claro que o ensinar não é tão simples como aparenta ser. Não é também uma tarefa para qualquer pessoa. É uma missão que comporta muitas intervenções. E isso exige preparo, postura científica sempre (SILVA, 2017). Por isso, entendemos que é o mais difícil a ser realizado, pois o professor está diante de muitas cabeças e cada uma delas com suas particularidades, vivências, estímulos e frustrações. Ainda conforme Granzol (2017, p. 75): “Ensina-se a desenhar letras e construir palavras com ela, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se a mecânica de ler o que está escrito”.

Havendo essa necessidade, o profissional deve ter uma nova postura para tentar incluir os alunos que porventura apresentem sinais de dificuldades na leitura e na escrita, criando meios sistematizados para uma evolução adequada e encaminhar para uma investigação interdisciplinar tornando o professor mais atuante já que nesse processo será de muita importância no processo de escolarização.

Além disso, entendemos que cabe ao professor se sensibilizar, como mediador, tendo em vista os diferentes tipos de dislexia e níveis existentes em seus discentes. Nesse caso, ele precisa observar em sala de aula e ampliar seu campo de pesquisa para auxiliar o aluno, e proporcionar atividades de maneira diversificada, incluindo-o junto aos outros colegas, possibilitando a interação social. Visto que, o disléxico, consiga superar, pouco a pouco suas dificuldades e limitações, tornando-o assim, um ser autônomo. Por esse motivo se faz necessário que seja feita o mais rápido possível o diagnóstico para intervir da forma mais correta e precisa.

No entanto, é imprescindível que o pedagogo esteja preparado para trabalhar com crianças que possuam dificuldades de aprendizagem, para ter uma percepção de como apresentar propostas adequadas e buscar a inclusão desse aluno, de forma que não interfira na sua rotina com relação aos demais. Contudo, é importante dizer que essas dificuldades que as crianças com dislexia apresentam, encontra-se em muitos casos mal interpretadas no âmbito escolar, por várias razões. Chegando a ser confundida ou até afirmado por parte de “profissionais” responsáveis pelo aluno como falta de interesse do mesmo ou pouca inteligência.

Já ao professor, cabe modificar seu método para uma forma mais adequada à necessidade do aluno, baseando-se em Emília Ferrero, indica Granzol (2017 p, 74) que: “[...] a dificuldade de aprendizagem somente será superada se os alunos receberem estímulos e quando os professores trabalharem com propostas pedagógicas correspondentes à necessidade

de cada aluno [...]”. Sabemos também que isso é bem difícil, já na realidade podemos encontrar salas de aula com uma quantidade considerável de alunos, tornando o método desenvolvido não tão eficaz. E também na maioria das vezes o docente não tem interesse em adaptar sua forma de ensinar.

CONCLUSÃO

O motivo que nos levou à escolha desse assunto foi, primeiramente, a importância do tema na literatura. Depois, outro aspecto que nos tem chamado a atenção diz respeito direto às vivências acadêmicas relatadas por pessoas disléxicas de nosso convívio. Além disso, muito nos sensibilizou as experiências passadas por um dos integrantes deste artigo, o que nos fez refletir acerca da realidade da criança lidando com a dislexia sem o uso adequado da intervenção no período correto. Está claro para nós que se trata de um tema que carece não apenas de aprofundamento, mas de apropriação e sensibilização por parte do professorado. A problemática da dislexia é real e afeta um contingente grande de alunos, causando, se não cuidada, a não aprendizagem, a evasão e mesmo o fracasso escolar.

Esperamos ainda que essa discussão possa auxiliar os profissionais de educação a observar, identificar, entender e intervir na dislexia de modo eficaz. Defendemos ser de suma importância uma ação conjunta com familiares, pedagogos, professores, psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais. Pois só assim será propiciado progressos no desenvolvimento da aprendizagem de cada educando, atendendo as suas necessidades, precavendo dessa forma a não existência do menosprezo, das frustrações e da apatia em sala de aula. Em passo simultâneo, desejamos ainda que todos possamos modificar nossas práticas pedagógicas, tendo em vista o processo inclusivo de todo o alunado na rede regular de ensino. Lembrando, sobretudo, que as crianças precisam de nós.

REFERÊNCIAS

- CARREIRA, Fátima Kleidir do Nascimento. **Reflexões sobre dislexia e o papel do professor.** (Trabalho Monográfico em Educação). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense- UFF, 2016.
- CARVALHAIS, Lénia Sofia de Almeida; SILVA, Carlos. Consequências sociais e emocionais da dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 21-29, Jun, 2007.

DAMASCENO, Mônica M. Siqueira; GOMES, Annatália M. de Amorim. Transtornos de Aprendizagem na visão dos Professores. **Id on line Revista de Psicologia**. Ano 8, No. 23, Julho/2014.

DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender?** Trad. Ana Lima e Gracia B. Massad. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

DUARTE, Anne Caroline; SOUZA, Calixto Jr. Intervenções Pedagógicas em alunos com dislexia. **Anais do I Sem. Internacional de Inclusão Escolar: Práticas em Diálogo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

GRANZIOL, Jussara Cordeiro. Dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição 9 Ano 02, Vol. 06. PP 73-79, Dezembro 2017.

RODRIGUES, Sonia das Dores; CIASCA, Silvia Maria. Dislexia Na Escola: Identificação e possibilidades de intervenção. **Revista psicopedagogia** 33(100): 86-97, 2016.

SIGNOR, Rita. Dislexia: uma análise histórica e social. **Revista Brasileira Linguista Aplicada**. Vol.15 No. 4 Belo Horizonte Out/Dez. 2015. (p. 971-999).

TELES, Paula. Dislexia: como identificar? Como intervir? **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 20, n. 6, p. 713-30, nov. 2004.

SILVA, Sther Soares Lopes da. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 26, n. 81, p. 470-475, 2009.

SILVA, Nilza Sebastiana da; SILVA, Fábio José Antônio da. **A dislexia e a dificuldade na aprendizagem**. **Revista Científica Multidisciplinar**, Ano 1, Vol. 5, pp. 75-87 Julho, 2016.

SILVA, Denice Rezende. Dislexia: contribuições da avaliação neuropsicológica. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 4, p. 529-543, out./dez. 2017.

SILVA, Antonio L. Por que na prática a teoria é outra coisa(?): Uma reflexão sobre a formação e a respeito do lugar social do professor contemporâneo. **Revista Campo do Saber**. Volume 3 - Número 1 - jan/jun de 2017.

SILVA, Antonio L.; SANTOS, Patrícia Oliveira. S.; NOGUEIRA, Christina Gladys M. “O Programa Bolsa Família zerou a evasão escolar no Sertão”: Uma Reflexão a partir de Catingueira – PB. **Anais do IV Congresso Nacional de Educação – CONEDU**. João Pessoa – PB, 2017.